

Luís Ramos

NOVA School of Science and Technology, Universidade NOVA de Lisboa

Curso de Engenharia Geológica (3.º ano)

Livro: A Metamorfose, Franz Kafka

Mudança

A Metamorfose, por Franz Kafka, é uma obra peculiar, pelo seu domínio fantasioso característico do autor, e é universalmente considerada como um dos maiores contributos literários do século XX. A obra encontra-se presenteada com reflexões sobre subterfúgios distópicos contemporâneos provenientes de situações aparentemente vulgares. A forma como Kafka aborda temas com acrescida profundidade nos pensamentos quotidianos do personagem principal, Gregor, um vendedor ambulante, que se sente desgastado pela responsabilidade e sacrifícios vitais para suportar a sua família financeiramente, enquanto se sente cada vez mais alienado dos seus contemporâneos, acredita-se ter sido influenciada por Sigmund Freud, Karl Marx e Friedrich Nietzsche, pelas características freudianas no conflito entre pai e filho que Gregor vive no seio familiar, pela visão marxista da inabilidade laboral de Gregor ter sido causada pela desumanização dos trabalhadores por parte de um estado capitalista e pela recusa radical nietzschiana da submissão aos valores e convenções sociais por parte de Gregor, respetivamente.

Esta obra incide também na dificuldade de coexistir com a sociedade moderna, de aceitar os próximos quando mais precisam e, culmina, na constatação de que a vida do personagem principal, Gregor, simboliza o absurdismo que existe na vivência mundana. O núcleo desta obra, para muitos, é a transformação de Gregor num inseto repugnante que é fruto da vida trágica que vivia, sentindo-se sempre isolado e inferior aos de mais, e simboliza, poderá dizer-se, uma metamorfose de Gregor num ser humano mais individual apesar de, no exterior, em nada se assemelhar ao que se entende por ser humano e se desassociar fisicamente da humanidade. Ao longo do desenrolar da obra, somos presenteados com os pensamentos, quase infiltrados, de Gregor, sobre todas as pequenas inconveniências de viver como um vendedor ambulante, além de inúmeras questões inusitadas, à primeira vista, sobre o ambiente laboral e que são difíceis de ultrapassar. Temos acesso direto à linha de pensamento de Gregor, as suas fragilidades são-nos expostas de uma maneira relacionável conosco próprios e, empaticamente, aproximamo-nos de Gregor. Assim, Kafka, torna-o mais humano.

Uma interpretação livre desta obra, podia passar, compreensivelmente, pela mudança de um estudante para o ensino superior. Na qualidade de tal, poder-se-á dizer que o degrau de

necessária escalada e o grau de dificuldade acadêmica para esse novo universo exige uma transformação interna para cumprir os objetivos que nos são propostos, diria. As questões, também inusitadas, que levantamos diariamente seriam dignas de registo, assim como as de Gregor. Um estudante universitário, à semelhança dos pensamentos de Gregor, pode lamentar acordar cedo, pode protestar contra o ambiente laboral e pode sentir-se isolado, no seu espaço, enquanto estuda, contra vontade ou não. Os devaneios de estudantes universitários também podem aprofundar-se em assuntos muito específicos em relação aos seus docentes, no caso da obra empregadores, que podem depreender-se como desespero injustificado de quem aponta culpa a tudo o que o rodeia. Posto isto, segue-se uma interpretação livre do que seria A Metamorfose universitária, numa tentativa de replicar o estilo de escrita do autor original, Kafka.

O despertador parou de tocar há 2 minutos e já devia ter-me levantado, mas para quê? Madrugar é quase um ato idiótico. Uma pessoa precisa de dormir. A luz cega, nada sóbria, do sol desce do cosmos e atinge-me os olhos, o suficiente para não me deixar escapar com mais um par de minutos bem dormidos. Ergo-me sobre a cama e sento-me à sua beira, porém um cansaço injustificado impede-me de prosseguir com a rotina – terei adormecido? – e tossi, singularmente, como que a pressagiar o que um diagnóstico futuro havia de confirmar, Metamorfose.

Careço da preocupação sobre o além do imediato. Sai-me da memória a obrigação de ingressar na viável viagem matinal via comboio, cujo caminho de ferro, assente sob as consequências da balastragem, me acompanha durante um vigésimo quarto de dia, somente até à estação ferroviária próxima da faculdade, ou mais, se colapsar de sono à janela perante uma melancólica, porém aprazível, paisagem urbana. No entanto, hoje, não me será possível percorrer o habitual trajeto. Estou impedido de ser humano, sinto-me a ser moldado num inseto que nunca deveria ter sido concebido. O degrau para o ensino superior mostrou-se demasiado estreito e alto para se evitar estorvo, vou *dispensar a ida* às aulas de hoje.

O dispensável discurso antiquado dos professores das aulas práticas da sexta-feira passada, parece-me agora tão necessário para a minha rotina, duvido que me lembrasse do que diriam poucos minutos depois de tanta burocracia laboratorial, não obstante quero ter a escolha de me poder esquecer. A ausência do que era outrora dispensável traz-me saudade do quotidiano. Certamente, nada supera o despertar na estação imediatamente seguinte ao destino, sabendo que chegaria, desnecessariamente, atrasado à primeira chamada. O andar apressado entre corredores, o batimento tímido na porta, o pedido de licença para entrar e o vertiginoso caminho até ao lugar sentado enquanto se interrompe uma explicação durante a aula são todos dispensáveis. Mas porquê tudo isto? Esta exigência desmedida que obriga um estudante a

levantar-se cedo para adormecer no comboio e chegar atrasado à aula justifica-se pela necessidade duma boa formação ou combate ao plágio? Este acontece independentemente da tentativa de bloqueio, muitas vezes apenas fogo de vista, se a turma é limitada a uma meia dúzia, um chumbo pesa bastante na percentagem de aprovações. Seria do interesse do docente deixar toda essa meia dúzia de alunos de uma cadeira atingirem a aprovação, ninguém quer ser responsabilizado pela desaprovação. Então, porque é que exigem tanto de nós? Ambas as partes satisfazem os objetivos a que foram propostos. O que acontece no caso contrário? Não é que meio mundo pare por nós, o planeta continua a girar. Nós só queremos rir-nos e dançar até de madrugada, não queremos acordar cedo. Porém, isto não é relevante.

Atualmente, passo todo o tempo isolado no quarto. Os apontamentos não se leem por si só. Os meus colegas passam pelo mesmo, mas passamo-lo sozinhos. É absurdo decorar informação futuramente inútil, contudo é inaceitável não ter sucesso na próxima avaliação, seja qual for, não há espaço para erros. Talvez haja espaço para o erro de achar que não há espaço para erros, mas seria errado pensar nisso dessa forma, não é para isso que pagamos propinas. Ultimamente, sinto-me alienado das relações nucleares antes da mudança, ninguém entende sacrifícios para além dos próprios. A responsabilidade de sucesso académico pesa nos ombros como uma mala cheia de apontamentos e um baralho de cartas, incompleto desde o último convívio dionisiaco antes da época de avaliações.

Pouco a pouco, sinto-me cada vez mais distante do que era e já não é. Penso. Existo para além do ser. Ainda que a tentação de me afastar desta falsa flama cresça, os repentinos momentos de lucidez contextualizam a minha dúvida existencial e recentram a reflexão. Preservo o meu espírito e vivo dentro dos meus sonhos sob a luz lunar.

Cruzemos rotas nesta doce noite,
sob o brilho da nossa confidente,
na orla do mar que se iluminou e te
trouxe a lua ao olhar celeste que não mente.

Concedamos ao mundo que se enfeite
na aura que tudo leva e nada sente,
como quando nós tínhamos dezoito,
segredando um romance inconsequente.

Dançando-se o restante em paz, é se
caminharmos no rumo da solene

luz cuja juventude permanece.

Erguendo-se sob as nuvens, Selene
alumbra a obscuridade e resplandece
um sonho eterno até que nos acene.

Uma recusa de submissão à forma como é suposto comportar-nos traduz-se na prescrição do devido. Mostra-se difícil entender as necessidades dos outros. Talvez aceitar o *Processo* ajude a esquecer a crueldade intrínseca nele. Sucumbir ao desejo de ser uma engrenagem na locomotiva junto de tantas outras, cumprir funções até que sejamos obsoletos e sentir-nos necessários é o caminho de ferro para retroceder-nos a uma filosofia mais otimista. Rejeitar a modernidade deixou de ser sensato, a modernidade começou antigamente, além de que o comboio do tempo não faz tempo em nenhuma estação, não há sinal do maquinista para partir e não há como não ficar para trás se esperarmos demais. Há que renascer perante a oleada máquina que nos move e assumir a melhor engrenagem que nos é possível, enquanto é tempo de ser útil, enquanto há tempo de não ser obsoleto. E, só aí, seremos livres do absurdo que é tudo isto.

Nemo ante mortem beatus.